

A MODERNIDADE EM TEMPOS LÍQUIDOS

Ana Lúcia Neves Do Nascimento*

Houve um período em que os conceitos eram sólidos, ideias, relações e pensamentos, moldando a realidade e interação entre as pessoas. O indivíduo estava atrelado às tradições e suas estruturas, engessadas, divinas, imutáveis e inalteráveis. Esse mundo chamado de “sólido” começou a declinar no século XX devido a embates políticos, conquistas na área da tecnologia e outras mudanças significativas, onde a ruptura com essas tradições, com uma nova maneira de viver e de explicar o homem, passou a ser chamada de Modernidade, onde esta maneira de entender a sociedade “substitui uma cultura teocêntrica e metafísica, dependente da verdade revelada e da autoridade da Igreja, por uma cultura antropocêntrica e secular”¹.

Esta nova representação do conceito de sujeito moderno na sociedade causou uma ruptura com o sujeito coletivo, este arraigado na tradição e na religião dos períodos antecedentes, e teve sua origem em movimentos como a Reforma Protestante, o Humanismo Renascentista, o Iluminismo e as Revoluções Científicas, fatos que contribuíram para a criação deste novo conceito de sujeito individual. Esta nova identidade agora vai sendo construída, onde as formas com que aprendemos a resolver os desafios da realidade não são mais as mesmas, ora trazendo esta nova modernidade a fluidez do líquido, ignorando barreiras, divisões, ocupando espaços, dissolvendo práticas e certezas ao contrário da era da construção das nações, a cultura líquido-moderna não tem “pessoas a cultivar, mas clientes a seduzir”².

A maneira de organizar a vida, relacionamentos, instituições coletivas e o próprio sistema político não funcionam mais como antes, onde essas velhas formas foram sendo substituídas, assim afirma-se então, a modernidade pelo carácter da mudança, opondo-se ao que é estático, estável, imóvel e permanente do período anterior.

Autor de várias obras, o tema da modernidade líquida foi criado por Zigmunt Bauman³, onde desenvolveu na Inglaterra a noção de mundo líquido, ou mundo sem forma. O pensamento da modernidade líquida tem início a partir da década de 90, onde deixou a atividade de docente nas Universidades de Varsóvia na Polônia e Leeds na Inglaterra, para a compreensão do período a que chamou de pós-modernidade. Bauman criou o conceito de “Modernidade Líquida” como uma maneira de analisar as frequentes transformações sociais e humanas de uma maneira líquida e fluida. A fluidez é vista como algo que nos faz lembrar leveza, e leveza nos direciona a mobilidade, é a “qualidade de líquidos e gases, o que os distingue dos sólidos é que eles não podem suportar uma força tangencial ou deformante quando imóveis, e assim, sofrem uma constante mudança de forma quando submetidos a tal tensão”⁴. Portanto, essas são as razões para considerar fluidez ou liquidez como metáforas ideais quando queremos captar a natureza da presente fase, nova de muitas

* Mestranda em Ciências das Religiões, pela Faculdade Unida de Vitória, aninhabubu@hotmail.com.

1 GOERGEN, N, Pedro. *Pós-Modernidade, ética e educação*. SP: autores associados, 2005. p. 11.

2 BAUMAN, Zigmunt. *Capitalismo Parasitário: Outros Temas Contemporâneos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010. p. 36.

3 Zygmunt Bauman foi um sociólogo e pensador nascido na Polônia em 1925, autor de várias obras preocupadas com o tema da Modernidade. Falecido recentemente em 09 de janeiro de 2017.

4 BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 7-9.

maneiras, na história da modernidade.

Os tempos são marcados por várias mudanças, e uma das características da Modernidade é classificar racionalmente tudo, e aquilo que não é classificável é colocado como aquilo que deve-se tomar cuidado, colocado como aquilo que não se entende e, portanto, é melhor se afastar, é

Um tipo diferente de mudança estrutural que está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais.⁵

Chega-se talvez na raiz de inúmeros conflitos sociais, pois como não há abertura para se entender o outro, o colocamos na condição de estranho, olha-se enviesado, vamos nos abrigar nos nossos fundamentos. Daí que o Fundamentalismo não é o oposto da modernidade, mas ele é uma consequência ou um elemento que está inerente ao medo do outro.

Esta excessiva racionalidade que coordena essa nova modernidade, ou seja, com esse fator, constatamos que “as identidades eram plenamente unificadas e coerentes e agora se tornaram totalmente deslocadas, é uma forma altamente simplista de contar a estória do sujeito moderno”.⁶

Como a sociedade está em constante transformação, ela facilmente se adequa a esta fluidez, neste contexto, Sêneca nos afirma que:

Só uma corrente nos mantém atados: o amor à vida, que não é preciso abandonar, mas reduzir, para que, se a situação em algum momento exigir, nada nos detenha ou impeça de estarmos preparados a fazer imediatamente o que mais cedo ou mais tarde deve ser feito.⁷

Outra característica dessa modernidade segundo Bauman seria a efemeridade, ou seja, tudo aquilo que é volátil, com pouca duração. É assim que o autor trata dos laços sociais dessa sociedade pós-moderna, juntamente com outra característica marcante: a individualidade, pois se antes as pessoas viviam ligadas às tradições, costumes, à religião e aos fatos que desempenhavam exigências sobre si mesmas, hoje elas vivem sua própria individualidade. O horizonte fica extenso, largo, e modificamos a percepção em relação ao tempo e espaço, gerando sentimentos de incerteza, proveniente das rápidas transformações, da sociedade e do mundo no contexto moderno, e é esta noção de espaço temporal que dá às pessoas um novo jeito de ver o mundo. Por outro lado nos indaga Ferry,

E se o desequilíbrio for fatal - não é mesmo? - justamente porque os indivíduos, deixados à solidão do frente a frente, não conseguem senão oscilar entre esses dois extremos que são o aniquilamento de si em ‘benefício’ do outro e o aniquilamento do outro em benefício de si?⁸

Portanto, os novos laços sociais são reformulados, novas formas de sociabilidade são construídas, e o maior exemplo disso são as redes sociais que se consolidaram na internet, as quais milhares de pessoas se renderam e vivem numa constante troca de conhecimento e informação.

A importante herança de Bauman é trazer um questionamento, e perguntarmos em algum momento, até que ponto estamos inseridos nesse contexto da liquidez? Até que ponto vivenciamos relações soltas? Quanto colocamos em prática nossos princípios e valores? Características como o consumismo, a flexibilidade e a própria identidade apontam para uma modernidade mutável e incerta, pois “fixar-se muito fortemente, sobrecarregando os laços com compromissos mutuamente vinculantes, pode ser positivamente prejudicial, dadas as novas oportunidades que surgem em

5 HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós- Modernidade*. 11. Ed. RJ: DP&A editora, 2006. p. 9.

6 HALL, 2006, p. 24.

7 SÊNeca. *Edificar-Se para a Morte das cartas morais a Lucílio*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. p. 45.

8 FERRY, Luc. *O Homem Deus ou o Sentido da Vida*. DIFEL- 2ª edição Editora BERTRAND BRASIL LTDA, Rio de Janeiro- RJ, 2007.

outros lugares”⁹ gerando características como aflição, ansiedade e inquietude, numa sociedade plena de indivíduos aspirantes ao sucesso e felicidade nessa era da liquidez.

Faz-se necessário repensarmos nossa própria condição existencial hoje nesse mundo transitório, onde nossa frágil condição humana sempre esteve cercada por questões das quais ainda não obtivemos resultados conclusos. Consideremos que um mundo razoável, mais íntegro e translúcido, em relação ao antigo e obscuro jogo de poder, infelizmente ainda não deu sinais no cenário da contemporaneidade atual.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, 255p.

BAUMAN, Zigmunt. *Capitalismo Parasitário: Outros Temas Contemporâneos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

FERRY, Luc. *O Homem Deus ou o Sentido da Vida*. DIFEL- 2ª edição Editora BERTRAND BRASIL LTDA, Rio de Janeiro- RJ, 2007.

GOERGEN, N, Pedro. *Pós-Modernidade, ética e educação*. SP: autores associados, 2005.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós- Modernidade*. 11. Ed. RJ: DP&A editora, 2006.

SÊNECA. *Edificar-Se para a Morte* das cartas morais a Lucílio. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

9 BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 21.